



A PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL E SUAS IMPLICAÇÕES COM A PANDEMIA DA COVID-19: O COTIDIANO DE TRABALHO DOS PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO SUL DO BRASIL

Oliveira, Jairo da Luz¹

Kocourek, Sheila²

Silveira, Tainara Corin³

Santos, Thaline da Rosa⁴

RESUMO: O presente estudo de caráter quanti-qualitativo busca problematizar os processos de trabalho de professores da rede pública de ensino e seu enfrentamento a pandemia do coronavírus. A dupla jornada de trabalho com baixos salários, excessos de tarefas e desvalorização histórica da profissão decorrente do processo de desmonte da educação pelo governo neoliberal, potencializou-se na atual realidade brasileira, expondo os professores da educação básica à precarização das condições de trabalho. Diante disso, realizou-se um estudo para identificar e analisar os impactos nas condições e modos de vida de professores/as da educação básica, em 32 municípios, na região sul do Brasil. Concluiu-se que os fatores como excesso de peso, a insônia, o estresse, a exaustão mental e o elevado grau de cansaço físico associados a uma rotina de trabalho extenuante, intensificados com a atual realidade pandêmica, podem resultar em processos de adoecimento físico e mental.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; docente; educação básica

INTRODUÇÃO

O estudo em foco caracteriza-se como pesquisa qualitativa, perquirindo, a partir do “método dialético”, os elementos contraditórios da realidade para que as formas de desenvolvimento do cotidiano profissional sejam colocadas em evidência, bem como as relações internas de cada elemento estudado e a conexão entre os demais elementos que constituem a totalidade.

Para Kosik (1976, p.35), a totalidade possui o seguinte significado: “realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classes de fatos,

¹ Doutor em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria. Email: jairooliveira.ufsm@gmail.com

² Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) e Docente do Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Santa Maria. Email: sheilakocourek@gmail.com

³ Discente do Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Maria. Email: corimtainara@gmail.com

⁴ Discente do Curso de Serviço Social, Universidade Federal de Santa Maria. Email: thaline.rosa@outlook.com

conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”, assim, para compreender este significado de totalidade é importante tratá-la como um conjunto de fatos entendidos como partes estruturantes de um todo dialético. O autor ainda enuncia: “Os fatos só permitem o conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético e são entendidos como partes estruturais do todo” (KOSIK, 1976, p.36). De acordo com o contexto assinalado, esta pesquisa visa conhecer este universo de significados vividos no cotidiano de trabalho de professores da rede básica de ensino na região sul do Brasil. Entende-se que: “A vida cotidiana é aquela vivida dos mesmos gestos, ritos e ritmos de todos os dias e de todos os homens, em qualquer época histórica que possamos analisar” (CARVALHO, 1994, p.23). Não existe vida cotidiana sem o cotidiano e a cotidianidade. O cotidiano está presente em todas as esferas de vida do indivíduo, seja no trabalho, na vida familiar, nas suas relações sociais, lazer etc (CARVALHO, 1994, p. 24). Neste sentido, o objetivo deste estudo foi analisar os impactos da pandemia da COVID-19 em trabalhadores de atividades essenciais, no Rio Grande do Sul, Brasil, tendo como sujeitos de pesquisa professores e professoras da rede básica de ensino.

Por conseguinte temos como realidade os dados do governo federal da Covid-19 no país. Com isto, a sociedade se readaptou as novas configurações impostas pelo momento pandêmico. Estes impactos foram de ordem física, mental, social, econômica e, talvez, de outras que ainda não se conseguiu dimensionar. No caso dos professores, impactou-os negativamente, em diversos âmbitos. Como delimitação do presente estudo, lançaremos luz especificamente sobre o processo de trabalho do professor (a) da rede básica de ensino na região sul.

DESENVOLVIMENTO

A vida cotidiana representa o conjunto das ações do ser humano no seu dia a dia, através destes movimentos criadores muitas vezes incorporados a sua própria rotina. Kosik (1995, p. 79), esclarece que “Todo modo de existência humana ou de existir no mundo possui sua própria cotidianidade”. Percebe-se então que a cotidianidade é a vida comum de todos numa sociedade em que todos convivem. Heller faz a seguinte alusão sobre o cotidiano da participação do ser humano neste processo: A vida cotidiana é o conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos homens particulares, no qual, pela sua vez, acreditam na possibilidade da reprodução social (1994, p. 19). O cotidiano representa, de uma forma organizada, toda a ação consciente ou não do ser humano.

Neste sentido, a inviabilização da vida cotidiana do trabalhador por diferentes fatores acarreta um desgaste do cumprimento de seu trabalho com carga horária em rotinas extenuantes resultando em elevados danos à saúde, comprometendo o bem-estar físico e

mental. Gasparini, Barreto e Assunção (2005, p. 195) relatam, em suas pesquisas, que “diversos estudos [...] têm mostrado que ensinar é altamente estressante”.

O cuidado em saúde mental entre os professores deve ser problematizado, a questão de gênero deve ser valorizada, onde expressa-se no caso das mulheres a alta demanda de trabalho na escola e no ambiente doméstico, pelo qual foi potencializado pelo período pandêmico. Isso ocorre em especial por parte das mulheres que, geralmente, precisam conciliar as atividades domésticas e o exercício profissional [...] (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2018).

No espaço escolar, as precárias condições de trabalho e recursos, a falta de reconhecimento profissional, a escassez de tempo para preparar as aulas, a sobrecarga de tarefas, o descaso de políticas públicas em relação ao ensino e aos recursos insignificantes destinados à pesquisa e à extensão, a violência escolar e a desmotivação produzem o mal-estar e seus sintomas, os quais podem ser sentidos pelo professor e pelos próprios estudantes (REIS; FONSECA, 2018).

Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), a definição de saúde mental refere-se a um bem-estar no qual o indivíduo desenvolve suas habilidades pessoais, consegue lidar com os estresses da vida, trabalha de forma produtiva e encontra-se apto a dar sua contribuição para comunidade. Tal definição contradiz a realidade imposta a esse público-alvo. O acúmulo de atividades, os problemas de saúde física e mental e uma prática profissional desgastada são alguns dos reflexos do “abandono” sofrido pela categoria, o que desencadeia, nas palavras de Barbosa (2012), um expressivo número de licenças médicas, faltas diárias e, por consequência, a ruptura do envolvimento pedagógico com os alunos, também prejudicados nesse processo (SOUZA; BRASIL; NAKADAKI, 2018).

Ao realizarmos este estudo sobre a realidade dos profissionais da educação, adentramos no surgimento da crise sanitária brasileira em decorrência do coronavírus, o que potencializa as demandas já existentes em uma categoria abandonada pelo Estado duplamente, ou seja, antes da crise sanitária e na atual conjuntura pandêmica.

A crise sanitária brasileira em decorrência da Pandemia atingiu os diversos setores da sociedade brasileira, inclusive na esfera da educação, que foi drasticamente afetada pela nova configuração do trabalho dos professores, através das aulas remotas em home office, o qual reforçou as demandas já presentes, como a extenuante precarização do processo de trabalho, agora em via remota. A dupla jornada de trabalho tornou-se tripla, pois o lugar privativo do professor agora também é o lugar de trabalho, na tentativa exaustiva de articular as demandas domésticas ao novo ambiente de trabalho, com a finalidade de assegurar o cumprimento do ano letivo.

Ademais, a reinvenção do processo ensino-aprendizagem, juntamente com o processo de qualificação da utilização dos dispositivos das Tecnologias de Comunicação e

Informação e o desdobramento para o acesso e viabilização de tais práticas para as aulas, requisitou uma estressante carga física e mental. Segundo Codo (1999), praticamente metade dos professores sofre com alguma síndrome de Burnout, uma síndrome da desistência do trabalho, e a cada quatro educadores um sofre de exaustão emocional. Além disso, a sobrecarga mental, segundo Espiney (2012) o professor sofre outras doenças como o LER – Lesão por Esforço Repetitivo, que consiste em uma dor nos membros superiores ou inferiores, com grande incapacidade funcional, causada pelo próprio uso dos membros em tarefas que desenvolvem movimentos locais ou posturas forçadas em excesso.

MÉTODO

No presente estudo, foi realizada uma revisão bibliográfica com sete artigos do ano de 2020 e de 2021, período no qual a sociedade brasileira vem enfrentando a pandemia, os temas estudados no artigo: qualidade de vida; adoecimento e medicalização de professores; processo de trabalho docente; saúde mental com o objetivo de identificar e analisar os impactos das condições e modos de vidas de professores/as da educação básica da região Sul do Brasil. O estudo de natureza quanti-qualitativa utilizou como método de análise dos dados estatística simples e análise de conteúdo (MINAYO, 2009). Os textos estudados se referem a outras pesquisas e estudos encontrados em plataformas virtuais, realizados no Brasil, relacionando a pandemia ao adoecimento de professores, expondo dados que complementam os encontrados no referente pesquisa, em que a vida dos professores também foi alterada significativamente, gerando consequências físicas e mentais, por consequência, demandando alternativas de enfrentamento a esses processos adoecedores.

A pesquisa de campo ocorreu em parceria com a Promotoria de Justiça Regional da Educação (PREDUC) do Rio Grande do Sul, junto a 32 municípios da região central, obtendo-se uma amostra de 233 professores (as) da educação básica, vinculados à rede pública. O questionário virtual Google Forms (2018), foi disponibilizado a todas as Coordenadorias de Educação adscritas a PREDUC, região centro, as quais repassaram aos professores. Os dados foram organizados em planilhas do Microsoft Excel, sendo extraídas análises estatísticas simples. A participação foi de livre adesão, observando-se que o critério de exclusão foi referente ao fato de o professor estar afastado há mais de 10 meses e, portanto, não vivenciando o processo de ensino em meio à pandemia. O projeto está registrado junto ao Comitê de Ética em Pesquisa sob CAEE: 31775920.00000.5346.

Após o consentimento da participação na pesquisa, mediante o aceite do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o professor foi convidado a responder blocos de assuntos, totalizando 81 perguntas abertas e fechadas. Eram 7 blocos com os seguintes temas com perguntas fechadas: 1- categorização pessoal; 2- caracterização profissional; 3- escala de estresse percebido; 4- caracterização do nível de estresse: percepção dentro do

ambiente do trabalho devido à covid-19 (casa/domicílio/home office e/ou escola); 5- caracterização dos elementos geradores de estresse; 6- práticas adotadas com a pandemia do coronavírus (Covid-19); 7- considerações finais. Havia, também, três perguntas abertas (entrevista não estruturada), sendo elas: 1- Quais os problemas/dificuldades que você tem enfrentado na sua vida por conta da Pandemia? Cite exemplos vivenciados por você; 2- Quais as potencialidades/possibilidades criadas para melhorar a sua vida por conta da pandemia? Cite exemplos vivenciados por você; 3- Deixo aqui espaço para descrever alguma observação ou sugestão.

RESULTADOS

A realidade de vida no trabalho destas educadoras, no percurso histórico, tem evidenciado gigantes desafios a serem assumidos para poderem chegar a termos de uma educação com qualidade. Hoje, frente aos desafios colocados neste cenário de pandemia, as condições de adoecimento cresceram em muito. Como resultado, no Brasil, muitos educadores e educadoras sofrem processos de violência no mundo do trabalho, explorados em tal sistema capital-trabalho. Wünsch assim afirma:

O trabalho perpassa a vida produtiva do trabalhador, é o processo de produção que organiza toda a vida social, não sendo possível fazer uma separação nítida entre o social, o biológico, o psíquico e o profissional, dado a forma em que estão ligados, e agem sob o seu modo de ser e viver (2001, p. 106)

Sendo assim, a classe professoral “tem sido abalada por todos os lados: baixos salários, deficiências de formação, desvalorização profissional implicando baixo status social e profissional, falta de condições de trabalho etc.” (LIBÂNEO, 2010, p. 25), o que é potencializado pela atual crise sanitária brasileira.

Os resultados apontados demonstram que a maioria da categoria profissional é composta pelo gênero feminino, com 95,70%, na qual 50,20% são casadas/os e 21,90% solteiras/os. No que se refere a crenças religiosas, 60,80% se consideram católicas (os) e 15,90% adeptas (os) ao espiritismo. Já na formação acadêmica 64,10% possuem grau de especialização e 25,60% degradação. Abaixo seguem os gráficos que demonstram os resultados encontrados.

No âmbito do processo de impacto, no que se refere às alterações da saúde ficou evidenciado que os principais impactos gerados durante a pandemia foram aumento de peso (58%), insônia (30,2%), estresse (29,2%), exaustão mental (43,3%) e elevado grau de cansaço físico (33,5%); além também do grau de dificuldade em que 50,7% relataram

incômodo por não possuir espaço adequado (privacidade) para a realização das aulas remotas.

A manutenção das atividades pedagógicas foi possível, para 64,9% dos educadores por meio da entrega e do recebimento presencialmente das tarefas na escola. Isso demonstra que se esteve longe de uma educação baseada em novas tecnologias. O resultado da análise da pesquisa demonstrou que as trabalhadoras da educação participantes compunham 95,7% de mulheres, com idade média de 42 anos, com 96,6% de atuação profissional na Rede Pública Municipal de Ensino, tendo tempo de atuação maior que nove anos com 52,60% dos participantes. A seguir será realizada a discussão dos dados de pesquisa sob a ótica dos autores de referência. O trabalho nas palavras de Hirata possui o seguinte significado: momento fundante de realização do ser social, condição para a sua existência; é o ponto de partida para a humanização do ser social e o motor decisivo do processo de humanização do homem (1999, p. 123). Esta situação torna o mundo do capital perverso e contraditório, pois poucos usufruem de suas facilidades, muitos ficam à margem. O trabalho, tem que ser visto como espaço de realização, de promoção do homem, propiciando a ele as condições favoráveis de equilíbrio físico e mental.

Fomentado por essa problemática, autores que abordaram a mesma temática discutem entre os períodos de 2020 e 2021, as consequências da atual realidade cotidiana dos professores/as. Professores que nunca antes tinham tido contato com tecnologias de comunicação ou informação, ou educação digital, ou mesmo contato com a modalidade de educação a distância, viram-se diante de câmeras, edição de vídeos, mídias diversas; além disso completamente expostos em suas casas, em que as metodologias ativas se tornam imperiosas, não havendo tempo para se preparar, sintomas como ansiedade, insônia e medo começaram a fazer parte da rotina diária, como afirma Melo et al. (2020).

As jornadas de trabalho se estenderam e os alunos passaram a exigir muito mais atenção e acompanhamento, assim como também os pais assumiram protagonismo no processo. Ressalta-se ainda o fato de ter sido um processo de fora para dentro, uma mudança brusca que foi forçada pelas circunstâncias pandêmicas (MELO; ARCELONI; VOLPATO, 2020).

Alvarenga et.al (2020), em um estudo, avaliou a percepção da qualidade de vida de professores das redes públicas e privadas de ensino mediante a pandemia da COVID-19. Concluiu-se que os professores avaliados na sua maior parcela têm sofrido com o aspecto envolvendo a qualidade de vida. Paralela a essa questão, a pesquisa da qual apontamos os resultados destacou que 86,3% dos professores tiveram sua rotina totalmente modificada, dentre as dificuldades apresentadas estão a dificuldade de acesso à internet, falta de estrutura adequada para o trabalho, entre outros.

Souza et.al (2021) elaboraram um estudo a fim de compreender a vivência de professores do ensino fundamental no enfrentamento da COVID-19, desvelando as possibilidades para promover sua própria saúde nesse contexto pandêmico. Os resultados desta pesquisa apontaram que os professores apresentaram dificuldades, tais como manuseio das tecnologias, organização das rotinas domésticas, falta de interação com os alunos, garantia momentos de descanso e de lazer, o que foi fator de geração de angústia e estresse.

Ainda, no mesmo estudo, a análise resultou em dois temas resultantes: os desafios no enfrentamento da COVID-19 e as possibilidades para promover saúde de professores em tempos de pandemia. O círculo de cultura virtual realizado com os professores durante o estudo tornou-se essencial na promoção e na prevenção da saúde; as tecnologias digitais de comunicação ampliam possibilidades de encontros e o compartilhamento de experiências, incrementando, sobremaneira, as formas de aprendizagem (SOUZA, 2021).

Estudos apontam que a saúde mental dos educadores precisa ser levada a sério, bem como precisa ser considerado como um elemento crucial na elaboração de medidas tanto para as atuais condições de trabalho, em formato home office, como para os planos de ação e estratégias para o retorno das aulas presenciais nas escolas. Isso porque sabemos que comumente, na vigência de pandemias, a saúde biológica das pessoas e o combate ao agente patogênico são os focos principais de atenção de gestores, políticos, cientistas e profissionais da saúde, de modo que as consequências sobre a saúde mental tendem a ser negligenciadas ou desconsideradas, como asseveramos autores Pereira, Santos e Manenti (2020).

Os autores Ladeira, Prado e Insfran (2020) reiteram, nas pesquisas realizadas, o aumento não só da carga horária de trabalho após o início da pandemia, mas também um aumento significativo do percentual de professores/as que estão fazendo uso de psicofármacos. Assim sendo, consideramos que a relação entre professores e psicotrópicos, em função do desenvolvimento de doenças ocupacionais, tem se tornado um hábito naturalizado nos espaços escolares. Nesse sentido, muitos professores têm chegado às escolas sob efeito de remédios, na intenção de se livrarem de problemas como ansiedade, insônia, sendo esta uma solução imediatista e paliativa. Avaliamos, assim, que o uso de medicamentos representa um suporte para professores que desejam manter suas atividades mesmo com todas as delícias e amarguras que ela dispõe (LADEIRA; PRADOS; INSFRAN, 2020).

Portanto, as adversidades enfrentadas no período da Pandemia da COVID-19 para a categoria docente no Brasil manifesta-se através de realidades distintas, nas quais a classe enfrenta diariamente as dificuldades impostas por demandas já existentes, que foram potencializadas neste período. Além disso, observa-se a luta incessante pelos seus direitos,

pela sua autonomia e pela sua visibilidade diante da precarização vivenciada no contexto neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar tantas ramificações de uma mesma problemática elucida que a saúde tanto mental quanto física do professor/educador precisa ser discutida no meio acadêmico, como uma das sequelas tanto da pandemia quanto das condições de trabalho precárias que esse profissional tem sofrido ao longo dos anos. No contexto em que a educação é tratada como mercadoria, defender o ensino público é um ato de resistência, os professores principalmente da rede pública de ensino enfrentam diversos desafios cotidianamente, sendo que alguns deles formam grandes profissionais do futuro. Urge a valorização da categoria para educar com qualidade, visto que o mínimo que se espera são salários adequados, valorização e condições para o ato de ensinar dignamente. Com isso, a pesquisa estruturou-se em problematizar e debater tópicos ainda pertinentes que não foram solucionados, enquadrando a classe trabalhadora dos professores/as em mais um setor negligenciado por parte do Estado, sendo afetados/as diretamente na saúde, no processo de trabalho e na desmotivação laboral por consequência do processo de desvalorização.

REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Robson et al. Percepção da qualidade de vida de professores das redes públicas e privadas frente à pandemia do covid-19. Revista CPAQV–Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida, v. 12, n. 3, p. 2, 2020.

ANTUNES, R. Centralidade do trabalho: a polêmica entre Lukács e Habermas In: _ Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo Editorial, p. 135-65, 1999.

BARBOSA, A. As implicações dos baixos salários para o trabalho docente no Brasil. Anais 35ª Reunião da Anped. Disponível em: https://www.anped.org.br/sites/default/files/gt05-2468_int.pdf

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é burnout. Educação: carinho e trabalho, v. 2, p. 237-254, 1999.

CRESPO, A. A. Estatística Fácil. São Paulo: Saraiva, 2002. p.224

DE SOUZA, Júlia Braga Rodolfo; BRASIL, Marina Augusta de Jesus Silva; NAKADAKI, Vitória Evelin Pignatari. Desvalorização docente no contexto brasileiro: entre políticas e dilemas sociais. Ensaios Pedagógicos, v. 1, n. 2, p. 59-65, 2018.

DE MELO, Maria Taís; DIAS, Simone Regina; VOLPATO, Arceloni Neusa. Impacto dos fatores relacionados à pandemia de covid 19 na qualidade de vida dos professores atuantes em SC. Florianópolis, SC: Contexto Digital, p. 47, 2020.

ESPINEY, J. Stress do professor. 2012. Disponível em: <http://www.publico.pt/Educação/metade-dos-professores-portugueses-sofre-destress-ansiedade-e-exaustao-1549791?all=1>

FONSECA, S.A.S. da; REIS, C.V. dos. A desvalorização dos professores no Brasil. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Licenciatura em Pedagogia. Faculdade Calafiori. São Sebastião do Paraíso, 2018.

GASPARINI, Sandra Maria; BARRETO, Sandhi Maria; ASSUNÇÃO, Ada Ávila. O professor, as condições de trabalho e os efeitos sobre sua saúde. Educação e pesquisa, v. 31, n. 2, p. 189-199, 2005.

HELLER, Agnes. Sociología de La Vida Cotidiana. Barcelona, Espanha: Ediciones Península, 1994.

KOSIK, Karel. Dialética do Concreto. Dialektika Konkrétního (Trad. Tcheco). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

LADEIRA, Thalles Azevedo; DO PRADO, Paulo Afonso; INSFRAN, Fernanda. Adoecimento e medicalização de professores do noroeste fluminense antes e durante a pandemia covid-19. Pandemia e suas interfaces no ensino. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 380, 2020.

LIBÂNIO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. Pedagogia e Pedagogos, para quê?. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MINAYO, M. C. S. (2009). Pesquisa Social, teoria, método e criatividade. Capítulo 3: Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. Ed Vozes.

SOUZA, Jeane Barros et al. Enfrentamento da COVID-19 e as possibilidades para promover a saúde: diálogos com professores. Revista de Enfermagem da UFSM, v. 11, p. 12, 2021.

PEREIRA, H. P.; SANTOS, F. V.; MANENTI, M. A. Saúde Mental de Docentes em Tempos de Pandemia: os impactos das atividades remotas. Boletim de Conjuntura (BOCA), v. 3, n. 9, p. 26-32, 2020.

WÜNSCH, Dolores Sanches. As Determinações e Implicações do Afastamento do Trabalho: o impacto social do adoecimento. Porto Alegre: PUCRS, 2001. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2001.